

Luta contra o protecionismo

Nova York — O ministro da Agricultura do Brasil, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, afirma que o governo americano, que vem propõendo a antecipação da Alca de 2005 para 2003, deveria partir do discurso à prática mais rapidamente. Isso seria, na sua opinião, o sinal mais claro do comprometimento dos Estados Unidos de que a criação da Área de Livre Comércio das Américas será um processo benéfico para todos os 34 países que integram o projeto.

"No caso da Agricultura, a manutenção das reservas de mercado para os produtores americanos é inaceitável. Além dos subsídios de mais de US\$ 100 bilhões que recebem por ano do Tesouro americano, eles ainda se beneficiam de restrições sanitárias e tarifárias, sistemas de cotas e cláusulas especiais de tratados do comércio internacional", diz.

O ministro informa que, mesmo sendo praticamente imbatível na produção de frangos, o Brasil não consegue atravessar as fronteiras dos Estados Unidos e do Canadá por causa de barreiras sanitárias. No caso do açúcar, a tonelada do produto chega aos consumidores do mercado internacional a US\$ 200, enquanto os agricultores dos EUA não cobram menos do que US\$ 450, devido à falta de competitividade. Só que, por conta da política de cotas e de subsídios, os Estados Unidos não despejam um centavo sequer no Brasil dos US\$ 4,5 bilhões que gastam importando açúcar.

Os números, incontestáveis, não diminuem, porém, a confiança de que Fernando Henrique e Bush acertarão os ponteiros nas questões comerciais, tornando a Alca uma realidade, afirma Arturo Valenzuela, professor da Universidade de Georgetown e ex-diretor do Departamento de Segurança para a América Latina da Casa Branca no governo Clinton. "Os dois presidentes precisam dar continuidade à política multilateral que estava em curso no governo americano. O Brasil tem dado sinais claros que apoia a multilateralidade e vem fazendo isso nas negociações com o Mercosul e com os demais países da América do Sul. Os EUA não podem caminhar em direção oposta", ressalta.

Mas o Brasil não pretende fazer concessões sem a garantia de receber em troca os benefícios que pedir nos acordos que vier a fechar, avisa o ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer. Segundo suas estimativas, 60% das exportações brasileiras sofrem algum tipo de barreira alfandegária. Isso, tendo o Brasil aberto seus mercados e reduzido, nos últimos 20 anos, a tarifa média de importação de 60% para 15%. Nos EUA, a tarifa média é de 4%, mas as barreiras não-tarifárias são tantas que muitos produtos brasileiros acabam sendo alijados do maior mercado consumidor do mundo. (VN)